

**PÓS-COLONIALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA:  
RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE MILTON HATOUM**

Telly Will Fonseca de Almeida

# PÓS-COLONIALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA: RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE MILTON HATOUM

Telly Will Fonseca de Almeida

**RESUMO:** Com uma linguagem intimista, *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, traz um afastamento e, ao mesmo tempo, uma recuperação da tradição literária regional na qual prevalecia o olhar estrangeiro, o olhar da fascinação ou do medo. Historicamente, a civilização de Manaus passou por transformações estruturais profundas através da imigração de povos de nacionalidades diferentes. Nesse sentido, a condição de exilado é uma característica das personagens estruturais da obra como Emilie, Hakim e a própria narradora anônima. Esses personagens se encontram em uma “dialética de identidades”, num embate cultural alusivo ao processo civilizatório ou de construção de uma civilização moderna em Manaus.

**Palavras-chave:** Embate cultural, identidade, processo civilizatório, Milton Hatoum.

**ABSTRACT:** Using intimate language, *Relato de um certo oriente*, by Milton Hatoum, portrays a moving away from and, at the same time, a recovery of the regional literary tradition in which there was a glance at the foreign, at fascination or at fear. Historically, the civilization of Manaus experienced deep structural transformations through the immigration of people of different nationalities. In this sense, the exiled condition is a characteristic of the key characters of this work such as Emilie, Hakim and its own anonymous narrator. We find these characters in a "dialectic of identities", in an allusive cultural collision with the civilization process or with the construction of a modern civilization in Manaus.

**Keywords:** Cultural collision, identity, civilization process, Milton Hatoum.

*Relato de um certo oriente* já se distancia, em alguns pontos, das reflexões mencionadas por Silviano Santiago, em seu ensaio “Poder e Alegria”, de 1988, cujas reflexões mostram as perspectivas da literatura brasileira pós-64. Segundo o crítico, a tendência natural da literatura a partir de 1964 baseia-se na recorrência à alegria (deboche ou gargalhada), e à paródia frente às forças ou poderes que exercem sobre o corpo. Em contrapartida, *Relato de um certo oriente*, de 1989, não se encaixa numa alegre afirmação do indivíduo em detrimento de uma realidade opressora, mas numa tentativa de (re)orientação do sujeito frente ao mundo em modernização. Essa (re)orientação do sujeito não se resume à perspectiva existencialista sartreana, mas na esfera do existente levinasiano, como propõe Ana Cláudia Silva e Fidelis, quando reflete que, a partir do contato com o outro, promover-se-á um encontro consigo mesmo. Percorreremos, neste trabalho, algumas linhas do pós-colonialismo presentes no romance e suas relações com a questão identitária, étnica e psicológica de personagens, analisando o papel da narradora anônima e de uma correlação entre ela e Emilie, Anastácia Socorro e Lobato Naturidade que, em nossa análise, protagonizam um embate cultural.

A narradora-personagem, em sua viagem em busca do estado edênico (representado por sua infância), almeja uma relação com a alteridade para se redescobrir, como propõe Fidelis (1998, p. 125). Essa busca configura-se num comportamento romântico e idealista no qual o sujeito não é fruto de um passado, mas produto de um passado e de um presente que se constroem e se modificam constantemente através da memória. Por isso, as representações do lugar são, na verdade, metáforas de sua condição psíquica ou cosmopolita, já que passou algum tempo longe do lugar de origem, não se lembrando de sua infância, mas sentindo a estranha presença dela naquele lugar: casa de Emilie em Manaus. Não se tratava mais de um resgate de algo perdido, mas a (re)significação de sua infância e o que isso tem a ver com a constituição da personagem-narradora como sujeito. Simbolicamente, a infância está muitas vezes ligada à morte, representando uma alma imaculada ou imortal, mas é através dessa representação que se tem a direção do ser, equilíbrio ou orientação do Homem. Por outro lado, a sombra, metáfora recorrente na obra, mantém as relações simbólicas com os vivos, com o mundo sensível. Pode-se dizer que a infância é a vida anterior, inconsciente dessa personagem e que a sombra é seu consciente desorientado pela ausência de alma ou de equilíbrio. Nesse sentido, as várias menções à metáfora da sombra podem simbolizar um estado primitivo da personagem, um

processo de (re)orientação ou, por outro lado, constatação de uma desorientação do sujeito, já que

[...] a sombra é, de um lado, o que se opõe à luz; é, de outro, a própria imagem das coisas fugidias. [...] O estudo das sombras parece ter sido uma das bases da geomancia antiga, portanto, da orientação. A análise junguiana qualifica de sombra tudo o que o sujeito recusa admitir e que, entretanto, sempre se impõe a ele, [...]. (CHEVALIER; GUEERBRANT, 2006, p. 842-843).

As imagens sombrias construídas pela narradora/personagem, a partir da natureza e dos objetos, são, na verdade, um misto da representação do objeto visado e a própria condição de “existente” do sujeito – resultando nesse caráter fugidio das coisas pela aproximação com o desconhecido ou o incompreensível. Em outras palavras, a casa em que ela residiu constitui-se num duplo familiar (reconhecível) e estranho (irreconhecível), ao mesmo tempo, e que se constitui sob o signo da ameaça de que nos fala Maria Zilda F. Cury:

Se o conceito de identidade implica na semelhança a si próprio, como condição de vida psíquica e social, está muito mais próximo dos processos de re-conhecimento do que de conhecimento, já que a busca de uma identidade se alia mal a conteúdos novos, que constituem sempre uma ameaça. (CURY, 2000, p. 166).

O conceito de “sujeito sociológico”, proposto por Stuart Hall (2006), pode ilustrar esse comportamento da personagem, que se caracteriza por um mecanismo de espelhamento no qual o “eu” assemelha-se ao outro. A casa inabitada, mas repleta de objetos desconexos e, aparentemente, sem sentido, é a metáfora da própria consciência ou estado psíquico da narradora. Quando esse processo de espelhamento não se realiza satisfatoriamente, há uma “descentração” do sujeito, uma vez que se perde o sentido de si ou cria-se uma sensação de que não é um ser coeso, já que o “outro” não é uma extensão de suas expectativas e representações de mundo. Assim, o “outro” ou o desconhecido configura-se numa ameaça. Esse fato corrobora a definição de “olhar estrangeiro” proposta por Fidelis. Nessa definição residem as representações tradicionais do lugar e dos nativos, construídas pelo imigrante ou estrangeiro no século XIX e que são paradoxalmente um fator formador de identidades. Através de um espaço sociocultural rico, exótico e diversificado pode-se ver uma fronteira, um abismo entre o “eu” e o “outro”. Nesse sentido, a sobrinha de Emilie, ao relatar sua estada na “clínica de repouso”, descreve a paisagem a partir desse “olhar estrangeiro”:

Da janela do quarto vi o emaranhado de torres cinzentas que sumiam e reapareciam, pensando que lá também (onde multidão se espreme em apartamentos ou em moradias construídas com tábuas e pedaços de cartão) era outro lugar de solidão e loucura. (HATOUM, 1989, p. 160).

Vemos que a personagem procura aglutinar essas fronteiras temporais e espaciais (processo de espelhamento) nos quais o “eu” e o “outro” são os fragmentos da mesma pessoa, da narradora do presente e a sua infância, no passado. Essa condição de estrangeiro em sua terra natal nos permite relacionar essas representações justapostas da narradora, no trecho supracitado, às operações de (re)identificação e, principalmente, aos fatores de transculturação, uma vez que a personagem perde o “centro” ou o equilíbrio entre as culturas (metrópole/interior) e entre tempo e espaço. Em sua caminhada de reconhecimento de Manaus, por exemplo, a neta de Emilie, em vários momentos, ressalta sua condição de estrangeira na terra natal devido não somente a uma condição diaspórica,

cosmopolita, mas também a essa perda de centro:

sentia um pouco de temor e de estranheza, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui. [...] Passei toda manhã naquele mundo desconhecido, a cidade proibida da nossa infância [...] (HATOUM, 1989, p. 123).

Nesse momento, sua representação do local assemelha-se à dos desbravadores do século XIX, que buscaram identificação frente ao desconhecido (FIDELIS, 1998, p. 34). Dessa maneira, o romance de Hatoum dialoga com os relatos históricos ou representações tradicionais da região norte do Brasil. Por outro lado, o desconhecimento daquela cidade foi uma condição imposta por Emilie, avó de criação da narradora, cujo comportamento entendemos como uma “atitude defensiva” frente à presença ameaçadora de outras culturas (estranhas/estrangeiras) na região, se nos basearmos em Stuart Hall (2008). Nesse sentido, o comportamento de Emilie e de sua neta pode também se configurar num “embate conflituoso” entre identidades, como elucida Homi Bhabha.

Esse embate cultural caracteriza-se pela busca de “re-conhecimento” da memória familiar e coletiva. Quanto ao processo de identificação, há uma relação paradigmática entre a narradora e Anastácia Socorro. Esta personagem, a pedido do próprio tio Lobato Naturidade, atravessa uma barreira cultural que culminará num embate com Emilie. A empregada Anastácia, assim como Sherazade de *As Mil e uma noites*, contava histórias de cunho fantástico, com tamanho esmero, que fascinavam a matriarca libanesa. Por isso, os relatos de Anastácia prendiam a atenção da matriarca, dando fôlego ao trabalho árduo da nativa

[...] Anastácia, através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia de dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mulher que falava para se poupar, que inventava para escapar do esforço físico, como se a fala permitisse a suspensão momentânea do martírio. (HATOUM, 1989, P. 91-92).

Há, nesse trecho, uma advertência de Hakim em que esse “mundo misterioso”, motivo do deslumbramento de Emilie, era o imaginário de uma mulher que equilibrava as forças com a matriarca estrangeira. As histórias da empregada eram tão ricas e cheias de símbolos como os da tradição milenar libanesa. Assim, nesses momentos de embate cultural, há um equilíbrio de culturas ou de forças existente em ambas. A situação de Anastácia Socorro não é tão diferente de outros personagens da narrativa. Na verdade, a maioria deles se depara com momentos de “ameaça” ou de angústia, percebendo-se, em alguns casos, um movimento de recuo que inclui estratégias de “(re)identificação” com as culturas de origem. Em outras palavras, a tentativa de interação com a cultura local era interrompida e voltava à busca da cultura de origem, como faz Anastácia. Emilie, por sua vez, segundo Hakim, que conversava com sua sobrinha, dizia que sua mãe mergulhara nas lembranças de sua infância no Líbano, entrava numa espécie de transe, já que em Manaus ela se sentia exilada frente aos embates culturais: “É curioso, pois sem se dar conta, tua avó deixava escapar frases inteiras em árabe, e é provável que nesses momentos ela estivesse muito longe de mim, de Anastácia e de Manaus.” (HATOUM, 1989, p. 90).

Nesse trecho, pode-se inferir que Emilie desligava-se daquele espaço e daquela cultura

estrangeira. Isso pode ser analisado como um movimento “contra-etnias”, em que há uma tentativa de recuperar ou manter viva a tradição, “[...] já que as identidades sofrem confrontações culturais a nível global” (HALL, 2006, p. 84). A casa, por exemplo, com todos os objetos e decoração que lembravam outra cultura para a narradora, pode representar uma metáfora desse movimento ou recuo que ela tenta realizar. Consideramos movimentos de “contra-etnias” porque fatores como língua, religião e hábitos, elementos culturais concretos e abstratos dentro de um processo de civilização, acabam por polarizar as diferenças entre raças dentro de uma comunidade transnacional.

Historicamente, Manaus, cidade portuária, propiciou a formação de uma comunidade transnacional, assim como o eixo Rio-São Paulo. Hall, na sua análise de *Narrativas do exílio e retorno*, de Mary Chamberlain, diz que o livro contém histórias de barbadianos no Reino Unido (também uma comunidade transnacional) e menciona que o elo do indivíduo com suas origens permanece forte, entretanto, esses sujeitos, em situação diaspórica, permitem uma flexibilidade de suas identidades devido a uma inevitável e constante contaminação. Trazendo essa reflexão para o romance de Hatoum, percebemos que Emilie é a principal peça na conservação de sua cultura de origem, tanto que não permite que a neta e Hakim conheçam a cidade de Manaus. Porém, os anos de convivência em outra terra colocam os esforços de Emilie em xeque. Nesse sentido, sua morte simboliza a negação desse fator inerente à história das civilizações – o embate e consequente hibridismo cultural. Os outros personagens que permitem o diálogo cultural entram em uma barreira intersticial ou num “entre-lugar”.

O embate cultural, de antagonismo ou afiliação, é para Homi Bhabha, uma negociação complexa, que emerge de momentos de transformações históricas. Ademais, os sujeitos desse embate cultural de afiliação foram deslocados para um “entre-lugar”, uma fronteira temporal e espacial, conferindo legitimação aos hibridismos culturais, ou seja, um espaço que conjuga tempos aparentemente distintos, que abarca duas ou mais culturas que se equilibram entre si (BHABHA, 2007, p. 21). Esses hibridismos culturais são, para Bhabha, o acolhimento de diferenças culturais sem hierarquização. Num primeiro momento, entretanto, esse acolhimento sem segmentação passa por uma fronteira intersticial entre identificações “fixas”, que abrem essa possibilidade de embate cultural. O processo civilizatório, por exemplo, passa necessariamente por questões de ordem identitária a partir do olhar ou da presença da alteridade, como propõe Emmanuel Lévinas. A constituição de uma nova civilização, oriunda de uma transformação histórica, portanto, se deve, entre outros fatores, pela representação da diferença, entendida como um reflexo de traços culturais preestabelecidos, o que permite reconhecimento parcial da alteridade (BHABHA, 2007, p. 21). Semelhantemente a esse reconhecimento parcial, Silviano Santiago, ao discutir a originalidade da cultura brasileira, no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de 1971, ilustra, através do capítulo XXXI dos Ensaio de Montaigne, que os bárbaros (povo estrangeiro) mostram força e organização no momento revelador da batalha contra os gregos (povo dominador). Num primeiro momento, há o desconhecimento mútuo, já em momento de “re-conhecimento” (batalha), evidencia-se um equilíbrio de força ou grandeza das tradições culturais. Assim, esses dois momentos de embate cultural podem servir como uma leitura das relações entre Emilie e Anastácia Socorro no romance de Hatoum. O escritor realiza um diálogo entre o processo civilizatório da região norte do Brasil com o do Líbano, que também é um país dividido culturalmente devido a invasões, colonização e guerras etnorreligiosas. Com efeito, Emilie, seu marido e descendentes, legítimos ou não, não estão livres desses “mesmos” conflitos culturais porque são uma realidade global, como atesta Stuart Hall (2008). Nessa perspectiva, Bhabha (2007, p. 21) menciona que esses embates culturais podem ser tanto consensuais quanto conflituosos.

O movimento civilizatório, nesse sentido, está voltado às identidades em trânsito dentro de deslocamentos estruturais da modernidade. A fronteira entre Emilie e Anastácia, por exemplo, rompe-se superficialmente quando a estrangeira libanesa descobre que a nativa era sobrinha de Lobato Naturidade, um velho curandeiro e sábio que Emilie respeitava (ou temia) devido a seus

conhecimentos milenares. Conseqüentemente, a relação entre Emilie e sua empregada, depois dessa descoberta, aproxima-se de uma relação consensual ou de afiliação, mas não é uma afiliação efetiva porque ainda esbarra em fronteiras étnicas e nas relações de poder. Por outro lado, a relação entre Emilie e Lobato era efetivamente consensual, uma vez que a libanesa acreditava nas curas e rituais do velho sábio e recorria a ele sempre que precisava. O misticismo seria um fator de identificação ou espelhamento (equilíbrio de forças) entre Emilie e Lobato, visto que as culturas antigas ou tradicionais, em geral, consideram e respeitam a ligação entre espírito e matéria (natureza), conforme elucida Ariès (2006, p. 5). O historiador francês, em seu estudo sobre as representações da infância e da família, demonstra que as civilizações arcaicas respeitavam ou acreditavam na solidariedade dos fenômenos físicos, naturais e sobrenaturais e suas relações com o homem.

Esse fator histórico possibilita um embate consensual, permitindo, num segundo momento, portanto, uma dupla inscrição cultural em Emilie, Anastácia Socorro e em Lobato Naturidade. Nesses termos, essas personagens permitem a diluição das fronteiras entre as duas culturas: “Lobato [...], para surpresa de todos, recusou um salário vitalício do poveiro, mas aceitou um mosaico com uma imagem de São Joaquim, oriundo da Alcobaca”. (HATOUM, 1989, p. 95). Esse objeto recebido por Lobato reforça nossa leitura de um embate cultural consensual (convergência) do sujeito com a cultura estrangeira. A imagem com a qual foi presenteado é um instrumento de comunicação de culturas ágrafas. Além disso, o mosaico, como qualquer trabalho intelectual ou manual, é composto de várias cores, revelando simbolicamente uma multiplicidade cultural; em outras palavras, a diluição das fronteiras e a perda de continuidade das identidades. Simbolicamente, mosaico designa também algo referente ao personagem Moisés do Antigo Testamento e, com isso, podemos inferir, portanto, que o objeto pedido por Lobato seja um prenúncio da “hibridização” de sua cultura, cujo elemento desencadeador é a religião, representada pelo artefato. Nesse sentido, essas referências remontam ao neocolonialismo naquela região brasileira, uma vez que alude à catequese dos índios nativos como início da fase colonial e, portanto, choque entre culturas no Brasil.

Estruturalmente, os oito relatos que compõem o romance buscam completar as versões do outro e, mesmo assim, as descrições ainda são parciais, inexatas, mas evidenciam uma “re-inscrição” (hibridização), ou rasura no relato anterior ou correspondente a um determinado fato. Esse aspecto estrutural da narrativa simboliza a dispersão de identidades fixas das personagens e dos relatos, perdendo-se, portanto, a noção de origem. Há, nessa relação, um trânsito não apenas de relatos, mas de “olhares” e, portanto, de identidades que se complementam. Assim, as próprias personagens em situações diaspóricas ou de dupla inscrição cultural, como a própria narradora, Emilie, Lobato e Anastácia chegam à conclusão de que a constituição de suas identidades não pode ser genuína ou homogênea, e que uma origem “pura” dessas “identidades em trânsito” dificilmente poderá ser recuperada. Esse romance de Hatoum pode servir como uma espécie de alegoria da cultura brasileira (e latino-americana) cuja contribuição para a cultura ocidental é a diluição dos conceitos de unidade e pureza, como reflete Santiago em “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 2002, p. 16). Nesse sentido, a narradora do romance perde contato com suas origens e, na busca por elas, acaba por criar algo que não se aproxima do original, mas também não é algo completamente novo. A tentativa de organização dos relatos é reveladora dessa consciência de algo perdido, descontínuo ou híbrido. Dessa forma, a personagem, como alegoria da cultura latino-americana, carrega o estigma do sujeito pós-moderno (ou tardio) cuja identidade não é homogênea e estará sempre em trânsito, em ajustamentos e deslocamentos ou “rupturas” consigo mesma e com o Outro.

*Relato de um certo oriente* concebe uma estrutura narrativa que, em função das múltiplas vozes representadas pelos relatos, não se fecha. Os diferentes pontos de vista para um mesmo episódio é sinal de que a diferença haverá sempre de questionar verdades estabelecidas. Através das personagens, vemos as problematizações que a crítica pós-colonial vem construindo desde os anos 70 do século passado: questões de diáspora, exílio, identidade e alteridade. Entretanto, o romance não

traz uma reflexão teórica pós-colonialista, mas mostra esse diálogo e convergência de culturas e olhares, como vimos na relação entre Emilie e Lobato Naturidade ou a organização dos relatos sob o critério da narradora-personagem. Portanto, o romance representa essas implicações culturais decorrentes do processo civilizatório na América Latina.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myrian Àvila *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras*. Cores, números. 20. ed. Trad., Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. "De orientes a relatos". In: SANTOS, Luís Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta. (Orgs.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG, 2000, p. 165-177.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Rezende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. *Entre orientes – Viagens e memória: A narrativa Relato de um certo oriente* de Milton Hatoum. 148 f. (Dissertação Mestrado) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1998.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANTIAGO, Silviano. Poder e Alegria – A Literatura Brasileira pós-64 - Reflexões. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 13-27.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 9-26.

Telly Will Fonseca de Almeida é Mestrando em Estudos Literários/Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES. Licenciado em Letras Português pela mesma Universidade.